

OS PIONEIROS

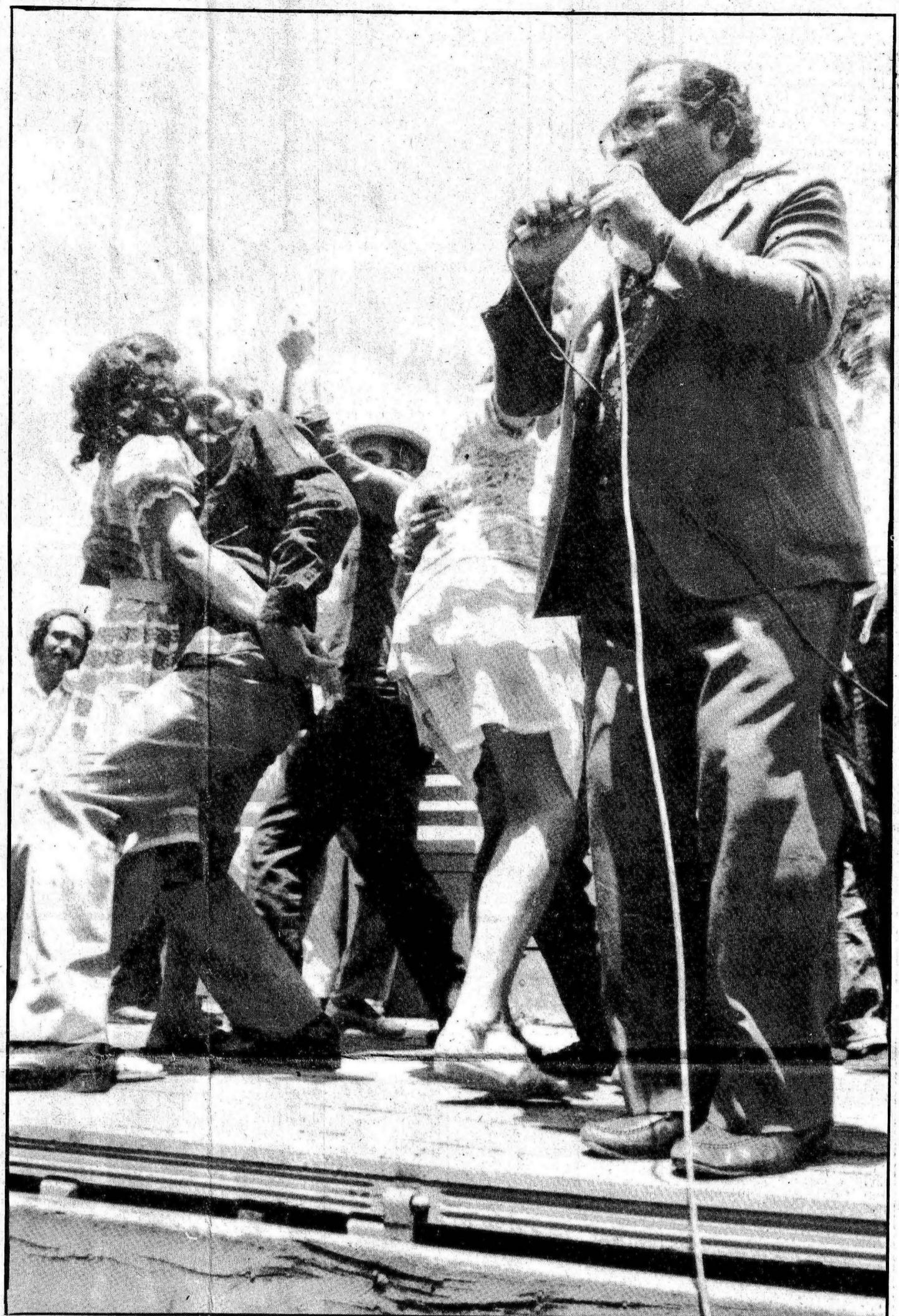
"Aí eu entrei pra Policia e o coronel me disse: Só não pode morrer. Aí eu digo: Matar pode? É, só não pode morrer..."

(Antenor Lopes Cavalcanti, morador da Ceilândia)



Gilberto Braga da Silva apresenta o forró da Ceilândia

s depoimentos deste 14º programa da série Os Pioneiros que publicamos hoje trazem relatos de alguns habitantes da Ceilândia que estão em Brasília desde os primeiros momentos de sua construção e impressionam pela sua crueza e simplicidade. Um deles diz: "Saí de Campina Grande, Paraíba, vendido". Isto mesmo, vendido, como gado, como no tempo da escravidão. E isto aconteceu na década de 60. Os tempos mudaram e, hoje, muitos deles, levam uma vida digna como feirantes ou em outros trabalhos, e sempre que podem curtem o forró dos domingos na Ceilândia. Todos gostam de Brasília e nem pensam em voltar ao seus locais de origem. Os Pioneiros é exibido todas as quartas, a partir das 21:15 horas, pela TV Nacional, canal 3.



Zito Borborema faz seu show cantando no forró

Pioneiros da Ceilândia chegaram vendidos como gado

GILBERTO BRAGA DA SILVA - Senhores ouvintes, neste momento, é uma honra especial que tenho em apresentar os pioneiros de Brasília. Antes de tudo eu quero falar a vocês que centenas de pioneiros existem aqui, como o Paraíba do Ferro Velho, o Tio do Forró, meu amigo Lampião. São todos pioneiros, centenas de pioneiros. Vou

mão que se formou aqui em Brasília, desceu do caminhão e foi procurar o hotel. Outros desceram e não encontraram nada. Ai eu desci. O Núcleo Bandeirante naquela época tinha muita rua, muito barraco e eles cercavam os barracos com arame. No que eu desci pisei em cima do arame e ele cortou a minha calça até em cima.

VICENTE RIBEIRO, O PARAÍBA

Paraíba - Sai de Campina Grande, Paraíba, vendido. Depois adoeceu, enfraqueci de tanto dormir no chão. Tinha um moco lá no Núcleo Bandeirante, o Sr. Péricles, pai da Dra. Celma, que me levou para o Hospital, me tratou, e eu melhorei de situação. Comecei a me ajeitar em Brasília. Fiquei com dô daqueles amigos que vieram comigo e que foram vendidos em Minas Gerais. Mandavam a gente andar de lá pra cá para ver se a gente servia para trabalhar. Mas eu não queria ficar no caminho e me fazia de mole até chegar em Brasília. Quando chegamos aqui eles prenderam todos os nossos documentos. O Capitão Marçal é que mandou liberar nossos documentos para que pudéssemos trabalhar em Brasília. Sou dos primeiros.

ANTENOR LOPES CAVALCANTI

Antenor - Bom dia para todos os ceilandistas. Sou um nordestino que vim da Paraíba. Vieram num pau-de-arara. Eram 130 homens vindos de Itaporanga, antiga Misericórdia. Vieram 130 homens num caminhão. Levamos 27 dias do Nordeste a Brasília. Quando cheguei no dia 2 de janeiro de 1958 só tinha o Núcleo Bandeirante. Cheguei, vi só barracos de tábua. Ai dormimos dentro de um caixote de um conterrâneo que tinha um boteco ali. Passamos seis dias dormindo dentro do caixote igual sardinha na lata. Fui trabalhar na fazenda do Israel Pinheiro, ai um dia chegou o Capitão Marçal disse: Quem é que

quero cabra bom, cearense, pernambucano, Rio grandense do Norte e piauiense. Não quero outra classe, quero homem bom, homem valente. Ai eu digo; eu não sou valente mas não tenho o que perder mesmo. Eu vou entrar, ai eu entrei na Geb. Dentro da Geb tivemos instrução na base de uns cinco dias, ai deram um revólver e uma farda pra gente, ai fomos trabalhar no morro do Urubu, naquele tempo Hotel Brasília. Ai o coronel Augusto falou: Só não pode morrer, ai eu digo, matar pode? E, só não pode morrer. Quando mudou, eu já tinha um caminhão. Eu saí da polícia porque minha mãe chegou do Norte e ela não gostava de polícia e eu pedi a demissão. Não quiseram me dar, mas assim mesmo me deram. Ai eu comprei um caminhãozinho Ford e comecei a minha vida. Ai fui transportar barraços e o primeiro foi o do Carnaúba, ele ganhou dois lotes, dei quatro viagens. Ai passamos um mês puxando barraco da Vila Tenório, do IAPI, para a Ceilândia. Ninguém queria vir para a Ceilândia. E hoje tem muita gente arrependida, pois existem lotes aqui na Ceilândia que custam dez milhões de cruzeiros. E naquele tempo era de graca o lote.

MORADORA DA CEILÂNDIA

MORADORA DA CEILÂNDIA

Tânia - A Senhora sempre no
forró em Ceilândia?
Moradora - Sempre.
Tânia - E não dança?
Moradora - Não senhora. Eu
só venho apreciar o movimento.
Eu gosto de forró porque sou do
Nordeste também. Eu gosto de
vir aqui. Tenho vontade, mas
uma velha como eu como é que
vai dançar? Como é que dança
uma pobre velha? Eu vim pe-
dir. Olhe aqui a minha sacoli-
nha. Vim pedir. Se o povo me vê
dançando, como é que vai me
ajudar? Eu gosto demais de
Brasília. Eu não gosto nem de
cessar em voltar para o Norte.

MARIA DE LOURDES ABADIA PASTOS Administradora

Regional de Ceilândia

Maria de Lourdes - Eu sou a pessoa mais suspeita para falar de Ceilândia, porque participei desde o início de sua construção. Eu assisti o plantio da primeira árvore, a construção da primeira escola, a construção do primeiro hospital, a implantação das primeiras feiras livres, a implantação do primeiro barraco. Num trabalho de muita garra, muito pioneirismo, num trabalho de gigantes. Eu diria que Ceilândia é a alma de Brasília. Os pioneiros, os verdadeiros pioneiros, em sua maioria, moram em Ceilândia. O que é bom registrar, é que esses cidadãos, esses pioneiros que vieram construir Brasília, eles não entendiam de arquitetura, de cálculo estrutural, de cimento armado, mas foram os cidadãos que construíram Brasília, os cidadãos que ajudaram o Presidente JK a construir a nova capital, a interiorizar a capital do Brasil. Eu acho que se Brasília tivesse que construir hoje um monumento para os cidadãos, os construtores de Brasília, esse monumento seria construído em Ceilândia, em praça pública. Os pioneiros, os cidadãos, que moram hoje em Ceilândia, numa população aproximada de 400.000 pessoas, é que ajudaram a construir Brasília. E, de Ceilândia, o que eu gostaria de registrar é que com a mesma garra com que as pessoas vieram construir esta Capital eu aprendi com essa gente a ter coragem para enfrentar o grande desafio que é Ceilândia, uma cidade imensa, com 36 quilômetros de dificuldades, de pessoas carentes, pessoas que têm o sentido de grandeza, da dimensão do homem, da dimensão do amanhã. E difícil falar o nome de todos os pioneiros. Foram mudadas 85 mil pessoas e Ceilândia, fazendo um resumo, é o resultado da transferência das favelas, das invasões, dos acampamentos, que essa população estava aglomerada na vila do IAPI. Eu tenho na Prefeitura uma fotografia da Avenida Cascalheira e é interessante as pessoas se re-

nida JK, da Escolinha da LBV, da Vila Esperança, da Vila Teñório, da Vila Cavalcanti, do Morro do Querosene, do Morro do Urubu, tantas vilas, tanta gente se juntaram debaixo do mesmo céu, debaixo de Ceilândia. Ceilândia foi removida em março de 1971 e terminou em 1972.

JOSÉ LOPES SOBRINHO, O TIO DO FORRÓ

José - Minha comunidade, eu sou pioneiro desde 1958. Cheguei no dia 7 de outubro de 1958. Brasília não existia. Eu vi Brasília nascer. O povo diz que viu Ceilândia nascer. Eu vi foi Brasília nascer. Só tinha o Núcleo Bandeirante, as Casas Populares, e nada mais. Agora, o que que acontecia? Naquela época tinha tanto desastre, tanta morte, todo mundo era profissional... Eu sou motorista, dizia-se assim. Mas ninguém tinha carteira. Viravam os carros, era um horror. Então eu sou pioneiro, sou sofredor de Brasília, casei-me aqui, constitui família aqui. Agora, eu não sou velho não. Estou com 65 anos, mas estou novinho em folha. Toda diversão eu gosto. Me sinto bem, sou forte, trabalho, danço, bebo pinga, danço forró, jogo baralho. Gosto do Plano Piloto, mas amo a Ceilândia. Se Ceilândia fosse uma moça, eu me casaria com ela. Abandonei o Plano Piloto e o Núcleo Bandeirante por causa de Ceilândia. Quando eu cheguei aqui só tinha minhocão, cobra, e nada

GONÇALO GONÇALVES BEZERRA

Nós saímos da Vila do IAPI para este cerrado. Numa época em que ninguém acreditava em Ceilândia e muito menos na reação. Quando o Governador Hélio Prates da Silveira resolveu transferir todos os invasores para Ceilândia, existia uma falta de confiança do povo no governo, e houve grandes oposições para que não saíssem aquelas vilas. Nós na época di-

tários e tivemos a honra de participar de todo o planejamento da remoção. Houve grande número de reuniões preparatórias para a remoção no salão da LBA no IAPI. O governo convocou todo o povo através das instituições de classe, e todo morador, para vibrar com a remoção, porque a Ceilândia, que nesse tempo ainda não tinha esse nome, era, então uma realidade. Naquela época se um ônibus aparecesse na Vila Tenório para ajudar na remoção ele era quebrado. O povo não acreditava nisso, não acreditava que o governo tivesse administração e povo para tirá-lo de lá. E nós trouxemos os ônibus de lá, preparando o povo, mostrando para ele esse cerrado grande, essa imensidão de madeira, que isso aqui ia ser uma cidade. Até que chegou o dia do inicio da remoção. Houve uma reunião muito grande nessa praça, chegando os primeiros barracos, e começou a remoção, todo mundo fazendo seu barraquinho e foi um movimento muito grande, parecendo até a época de Moisés tirando o povo da escravidão. Daí em diante é que surgiram os grandes problemas da cidade: problema da água, de esgotos, de policiamento, e o pessoal confundido, se esquecendo de que isso aqui seria o futuro, outro falando mal, outro achando bom, e aquela coisa todinha.

FEIRANTE DA CEILANDIA
Eu morava na Bahia. Quando
eu vi que as caixas estavam

eu vi que as coisas estavam muito ruins, vim para Brasília. Cheguei aqui com a roupa do corpo. Vendi as coisinhas que eu tinha, e vim. Hoje eu estou mais ou menos. Ceilândia é muito bacana, mas tem muito marginal. A gente não pode sair de noite. A gente tem que ficar em casa até nove horas, depois das nove não se pode sair porque querem matar a gente para roubá-la. Tem também o problema de fiscalização. Eu trabalho dia e noite, direto. Tenho uma firma em São Paulo, compro a mercadoria lá. Ai chega aqui a nota fiscal emitida lá nunca serve aqui. O fiscal diz que não presta, que não dá certo. Um

de alho para plantar. Comprei para plantar. Quando eu chegava em Planaltina pegaram o meu alho e me tomaram. E nunca me entregaram. Era a fisc-

UMA FEIRANTE DA CEILÂN-DIA

Feirante - Calmo. Não saio, trabalho em feira também. Trabalho em feira desde os seis anos de idade. Vendo temperos, raizadas, remédios, garrafadas, muitas coisas. Garrafada é remédio para inflamações de mulher, para problemas de fígado, rins, úlcera. As ervas são muito melhores que remédios. Muitas vezes os remédios de farmácia fazem é intoxigar as pessoas. As raízes não, curam mesmo. O que mais vendo é baba-ti-mão, angico, jatobá, banho de capivara, mel de jataí. Tem muito remédio bom. Sim, sou da Bahia, mas já me

OUTRA FEIRANTE DE BRA-

Adoro Ceilândia. Desde que cheguei em Ceilândia sempre trabalhei aqui na feira. Na semana passada eles proibiram a gente de vir trabalhar na sexta-feira, mas eu gosto tanto daqui que vim hoje. Eles proibiram a gente de vir, dizendo que a gente só pode trabalhar aqui no sábado e no domingo. Então eu vim arrumar a banca e fiquei por aqui mesmo. Eu estou muito nervosa, porque a gente tem vontade de falar tudo, mas não pode falar tudo o que se quer. Eu queria era pedir que os fiscais deixassem a gente trabalhar na sexta-feira. A Maria de Lourdes disse que proibiu, mas ela não disse isso diretamente para a gente. Hoje só pode trabalhar quem vende frutas e verduras. Tem muita gente que vem procurar tempero e não encontra, não é? E a gente paga imposto de tudo o que a gente vende, não é? Quanto aos moradores, eu gosto muito dos mora-